

# HAÁ UM FANTASMA NA ESCOLA

Emmanuelle  
Cosso



Ilustrações  
Nathanaël  
Ferdinand

nuvem  
de letras

# ÍNDICE

1	E... <i>Bam!</i> .....	5
2	Uma novidade... e que novidade! .....	10
3	O banco da escola.....	20
4	A lista das coisas que o Anatol arrasta consigo quando anda .....	28
5	Vai correr sangue!.....	33
6	O fenómeno Filomena .....	45
7	«Bando de patifes descascados!» .....	54
8	Lição do dia: A maioria das pessoas não sabe ler o fantasma.....	62
9	O beijo ao Adalberto.....	71
10	Irmã Charlotte .....	82
11	A oração do Anatol .....	90
12	Posso fazer-te uma pergunta, Filomena? .....	96
13	Paris, 1870.....	105
14	Castor e Pólux.....	110
15	Gooooooooooooo!!!.....	126
16	Tens de acreditar em mim .....	135
17	Uma urgência louca! .....	144
18	Eu acredito em ti!.....	155
19	Fogo! Fogo! .....	159
20	Bolo!.....	166
21	A ideia mais estúpida... e a mais genial! .....	176
22	Pobre <i>Froussard</i> .....	182
23	Batalhões, formem fileiras! .....	194
24	Um fantasma não morre duas vezes .....	207
25	Demolição .....	214
26	Adeus, Filomena.....	230
	<b>EPÍLOGO:</b> Obrigada, Filomena .....	235



# E... BAM!

**E... BAM!** O Anatol apanha com a porta em cheio na cara. Cambaleia, quase cai, mas acaba por recuperar o equilíbrio. A porta fechou-se à sua frente, logo depois de a professora de Francês ter gritado: «O último a entrar que feche a porta, obrigada!» O penúltimo, fosse quem fosse, pensou que era o último. Erro de cálculo. No entanto, não era difícil de prever: o último é sempre o Anatol.

O Anatol e a escola são um número incalculável de portas fechadas na cara e de encontros falhados. Desencontram-se desde o início: a escola não percebe o Anatol e o Anatol não percebe a escola.

Um exemplo de encontro falhado? Vejamos... Quando chegava a hora de dormir a sesta no infan-tário, o Anatol transbordava de energia... e de ideias para se esquivar! Quando foi preciso resolver equações no 6.º ano, estava mais do que disposto a dormir a sesta.

No fundo, o Anatol gostaria de ter vivido noutra época. Uma época anterior a Jules Ferry e à escolaridade obrigatória (digamos mesmo anterior a Carlos Magno, para não correr riscos). Teria vivido no campo (o Anatol detesta a cidade), rodeado de animais, e teria passado os dias a pescar (o Anatol adora a companhia dos peixes, ou melhor, a esperança da companhia de um peixe). Teria trazido a pesca do dia para o jantar e terminado o dia a ler banda desenhada, *Dragon Ball*, de preferência.

Poder-se-ia contrapor que, para isso, era necessário que o *Dragon Ball* tivesse sido inventado antes de Jules Ferry (ou mesmo de Carlos Magno), o que francamente não é possível, mas o Anatol não se preocupa com este tipo de pormenores.

De qualquer forma, ele tem dificuldade em lidar com números, datas, horas. Também tem dificuldade em lidar com dinheiro, metros, volumes, enfim, com tudo o que se conta e se quantifica, tudo o que se mede e se pesa. Para o Anatol, o universo de possibilidades é um pouco maior do que para a maioria das pessoas... e está sempre em expansão. Provavelmente, é por isso que ele parece estar tão «noutro mundo», aos olhos de todos. Enfim, de todos os outros.

Por falar nisso, estão a perguntar-se quem eu sou? Sim, eu! Eu que vos conto esta história. Bem, têm razão. Não me apresentei, peço desculpa.

Chamo-me Julieta. Estou na mesma turma que o Anatol, no 9.º ano.

Se sou eu quem vos está a contar isto, é porque sou a mais indicada para o fazer. Em primeiro lugar porque...

Gosto muito do Anatol.



Acho-o muito fixe, apesar das aparências. O que me dá vontade de dar a conhecer a sua existência a todos: ele, a sua vida, a sua obra e as suas façanhas.

Porque sim, o Anatol é, estou certa disso, um herói desconhecido. E eu quero corrigir isso.

Segunda boa razão para ser eu a relatar-vos os factos: simplesmente, eu estava lá. Assisti a (quase) toda a história. E o que não vi, o Anatol contou-me depois. A mim, só a mim. O que faz de mim uma espécie de jornalista com um furo de reportagem bombástico.

É exatamente isso que quero ser quando for grande: jornalista. Daquelas que investiga e desvenda

segredos! O meu avô está sempre a dizer-me que, com os meus olhos de Nycticebus\* e os meus óculos XXL, não dá para me esconderem grande coisa!

Para que percebam bem como é que eu sei tanto sobre este rapaz: conheço o Anatol desde o primeiro ano do infantário. Já lá vão dez anos. E, em dez anos, não lhe tirei os olhos de cima. Quando os outros o consideravam trapalhão, desajeitado, atordoado, lento, eu achava-o surpreendente, singular, interessante e, para ser sincera... muito querido. Podia escrever um livro sobre ele. Aliás, é o que estou a fazer.

Enfim, terceira e última boa razão para eu vos contar o que aconteceu neste inverno: é uma história completamente doida.

Doida, divertida, emocionante também. Nem pensar que eu vou dar a outro o prazer de a contar!

Mas não queimemos etapas. Por agora, o nosso herói acabou simplesmente de apanhar com uma porta na cara — e isso, acreditem em mim, para o Anatol, nada tem de extraordinário.

\* O Nycticebus é um pequeno primata muito fofinho. Atenção: não é por a sua mordidela poder ser mortal que o meu avô me compara a ele, mas porque tem uns olhos grandes e adoráveis!!!

2

## UMA NOVIDADE... E QUE NOVIDADE!

Um pouco atordoado, o Anatol vai para o seu lugar, ainda a fazer caretas de dor. Tem a impressão de que o seu nariz triplicou de volume... mas ninguém parece dar por isso. Já estão todos sentados.

Ele apressa-se a chegar à sua secretária antes que a professora Martelo — não, não estou a inventar este nome — acabe de escrever no quadro. O Anatol desliza para o seu lugar, com toda a discrição, ufa: no instante em que ela acrescenta o ponto final, ele já está instalado. Mais um segundo para tirar o seu *dossier* de francês e

**AAAAA AAAAAAH!!!**

O que é isto?! Ufa! Ia tendo um ataque cardíaco! Está uma rapariga sentada ao lado dele. Não é motivo para ficar alarmado, dirão vocês? Só que, por um lado, aquele lugar sempre esteve desocupado desde que a escola é escola e o Anatol é o Anatol; por outro lado, não estava lá ninguém instantes antes!

Resumindo, ele não estava à espera e... foi um choque! Observa-a pelo canto do olho; ela parece totalmente absorta no espetáculo da professora Martelo, para quem olha com um ar... um ar...



O Anatol não sabe qualificar aquele ar. Ele tem vários ares à sua disposição quando acompanha a professora Martelo. Pelo menos sete. Um ar entendido, um ar sonolento, um ar aborrecido, um ar impaciente para sair dali, um ar sonhador, um ar espantado, um ar ausente. Mas esta rapariga exibe uma expressão fascinada. Nem mesmo os melhores alunos da turma, a quem chamam os «In» — Sabine, Leontine e Melvin — têm alguma vez este ar. O deles, diria o Anatol, é mais sorridente, confiante



ou lambe-botas (ainda que o Melvin tenha uma qualidade aos olhos do Anatol: é o único rapaz da turma que não gosta de futebol).

Se o Anatol se sente fascinado, neste momento, é por esta rapariga. Ele não estava de todo a par da chegada de uma aluna nova. Muito menos imaginava que ela viria sentar-se ao seu lado. Ninguém quer este lugar, normalmente. Não que o Anatol seja votado ao desprezo na turma, nada disso... simplesmente, ele não tem um amigo específico, ao contrário de todos os outros, que têm.

É isto que torna o Anatol único — não sei se me estão a acompanhar, mas espero que sim. Basicamente, toda a gente quer estar ao lado do seu amigo ou da sua amiga, exceto o Anatol, que não tem vontade de estar ao lado de ninguém em particular e ao lado de quem ninguém tem especial vontade de estar. E como há um lugar a mais na sala, bem, é sempre o Anatol que acaba com uma secretária dupla só para ele.

OK, foi uma passagem um pouco aborrecida, tenho consciência disso, mas, primeiro: estou a estreitar-me no jornalismo de ação, e segundo: era importante passar bem esta mensagem: o Anatol não tem propriamente amigos, mas isso não é grave nem para ele nem para os outros. No fundo, toda a gente gosta dele. Mesmo que ninguém o convide.

Houve uma exceção: o Arsénio.

O Arsénio e o Anatol foram superamigos durante três anos, mas isso foi antes de os pais do Arsénio decidirem mudar-se para as Caraíbas e de o único amigo do Anatol se tornar um São-martinense, ou seja, alguém com quem não é fácil estar depois das aulas, quando se vive numa cidade da metrópole francesa.

Mas voltemos à aluna nova. O Anatol pensa que, se calhar, é tão distraído nas aulas que deve ter perdido a informação sobre a chegada dela. Não se lembra de a diretora de turma ter mencionado fosse o que fosse sobre o assunto... No entanto, nem a professora Martelo, que acabou de se virar, nem os

outros alunos parecem surpreendidos, por isso toda a gente deve estar a par. Toda a gente menos ele, como de costume.

O Anatol observa a rapariga às escondidas. Não é feia de todo... Por outro lado, tem um visual invulgar. Longe da última moda!

*Será gótica?*, pergunta-se ele.

Usa um xaile preto amarrado sobre uma saia comprida cinza-escura. Uma camisa branca sem colarinho e um corpete atado atrás das costas, com alças sobre os ombros, completam o seu traje. Calça botas com atacadores. O seu cabelo castanho está penteado numa trança grossa que lhe desce até ao fundo das costas. *Não, não é gótica; parece mais que escapou de uma daquelas velhas revistas ilustradas que vemos nos alfarrabistas! Original, em todo o caso.*

Sentindo-se observada, a rapariga vira-se para ele... E mergulha os seus enormes olhos azul-marinhos nos dele. O nosso herói fica abalado. Ela lança-lhe um sorriso luminoso, antes de se virar novamente

para a professora, com ar de quem não quer perder pitada.

— Então, Anatol?

A professora Martelo fez-lhe uma pergunta e ele não a ouviu. Ela faz parte dos profes que nunca irão ceder perante os alunos sonhadores. Fazê-los voltar à Terra é a sua obsessão, e nisso ela é admirável, há que admitir. O oposto da horrível Miss Honda, a profe de Inglês com nome de mota japonesa — não é altura de falar dela, mas voltarei ao assunto.

Entretanto, o Anatol continua sem ouvir a professora Martelo a chamá-lo. Está demasiado ocupado a ler os lábios da nova vizinha, que parece querer dizer-lhe algo discretamente.

— *Anatol?*...

A professora insiste sem se enervar. Ela sabe bem que ele muitas vezes viaja para longe da sala de aula e que precisa de tempo para voltar.

*Vic-tor*, lê ele finalmente nos lábios da nova vizinha. Porque é que ela lhe está a chamar Victor? Prepara-se

para lhe responder: «Não, chamo-me Anatol», mas a rapariga já está a articular outro nome próprio.

De pé, junto à secretária do Anatol, a professora repete a pergunta:

— Anatol, qual é o nome deste poeta e dramaturgo do século XIX?

De repente, ei-lo de volta à Terra! E faz-se luz na sua cabeça! Ele acaba de ler os lábios da nova aluna, vira a cabeça para a professora Martelo, sente o ardor de vinte e quatro olhares fixos nele, todos à espera de que ele não saiba responder, como de costume, e...

— Victor Hugo! — quase gritou.

Há um silêncio estupefacto, rapidamente quebrado:

— Obrigada, Anatol. É, de facto, Victor Hugo. Muito bem, Anatol... Muito bem, muito bem...

A professora Martelo não acredita: é a primeira vez que este aluno lhe dá uma resposta adequada. Começaria finalmente a produzir resultados?

Será que os esforços constantes para o trazer de volta à sala de aula dariam finalmente frutos?



Teriam as férias de Natal produzido um pequeno milagre? Ter-se-ia ela lembrado de alimentar o gato de manhã? E será que o Sr. Martelo lhe iria oferecer o lenço de seda bege e azul que ela lhe mostrara na montra das Grandes Galerias?

Mas isto, claro, não tem nada que ver... enfim, seja como for, as perguntas atropelam-se na cabeça da professora Martelo!

Com um pequeno sorriso satisfeito nos lábios — um daqueles que não se veem muitas vezes —, o Anatol

vira-se para a sua cúmplice. E articula um «obrigado» na sua direção. A rapariga responde-lhe com uma piscadela de olho, antes de dedicar novamente toda a sua atenção à lição da professora Martelo.

A aula de Francês termina, chega o intervalo. Os alunos precipitam-se para o corredor. Todos exceto o Anatol, que remexe na sua mochila enquanto se dirige à nova aluna:

— Obrigado pela ajuda! Viste a cara da professora? Quase comeu a antologia de poesia! Como te chamas?

Tendo encontrado o que procurava na mochila (um livro de Dragon Ball Z), levanta a cabeça, surpreendido com o silêncio da vizinha.

E por uma boa razão: ela desapareceu! Ele não a viu nem ouviu sair.

No lugar dela, o Melvin, que volta sempre dos intervalos ao fim de cinco minutos, diz-lhe com um sorrisinho trocista:

— Agora falas sozinho, tu?!

# O BANCO DA ESCOLA

Já alguma vez se perguntaram sobre o que acontece depois? Por exemplo: como é que gostariam de reencarnar na vossa próxima vida? Como Teddy Riner ou Robert Pattinson? Como uma águia, uma dourada ou um *husky*? No relvado do Stade de France (conheço quem adoraria), na praia de Saint-Malo (por causa do barulho das ondas) ou até no Vanguard 1, o mais antigo satélite em órbita?

Eu não faço a mínima ideia no que gostaria de reencarnar. Mas sei exatamente o que não queria ser numa

próxima vida: **O BANCO DA ESCOLA!**

O banco da escola, aquela coisa comprida de betão, que serpenteia ao longo dos muros do recreio do 8.º e do 9.º anos.

Um horror! Ser o banco da escola significa ter, a cada duas horas, um monte de rabiosques às costas — todos os que vêm sentar-se a cada intervalo. Sem esquecer os milhares de pares de solas que lhe saltam para cima! Torna-se no palco de conversas de miúdas, cujo interesse nem sempre é garantido (e isto vindo de uma especialista em tagarelice!) e de piadas de rapazes, que só a eles fazem rir. E, claro, está coberto de pastilhas elásticas que o Mickaël Blum cola discretamente ao passar (blhec!) e cheio de excrementos de pássaro (gostava de saber quem reencarnou naqueles voláteis mal-educados — gente mesmo doente, só pode) e, ainda por cima, está soterrado sob uma montanha de roupa de que os alunos se esquecem. É de loucos: camisolas, casacos, cachecóis, luvas sem par e até meias (alguém que me explique isso). Sem falar das sandes

ou dos restos de lanches, desdenhados até pelo *Froussard*, o cão do Ângelo, o vigilante da escola.

Resumindo: ser banco é ser ao mesmo tempo uma lixeira, um depósito de trapos e o último local onde se vai para conversar. Como diz a professora Martelo: um caixote do lixo e um campo de batalha. Não é lá muito apetecível, pois não?

Para terminar, vale a pena referir que o banco da escola está também constelado de manchas cuja origem não se conhece muito bem e, eeeeeh, se calhar é melhor nem saber. Enfim, dito isto, sei que há manchas de sangue pelo meio — e vocês também vão saber quando terminarem esta história.



Este banco mais que duvidoso não  
parece, no entanto, assustar os alu-  
nos que frequentam esta escola,  
e muito menos o Anatol,  
que passa



a maior parte do tempo de recreio a ler as suas mangas.

Como quase todos os dias, está sentado de pernas cruzadas, com a mão esquerda debaixo do queixo, a direita a virar as páginas, nada incomodado pelo barulho das conversas das raparigas acerca das férias de Natal mesmo ao lado dele, nem pelos jogos dos rapazes.

Ele está ali, a ler; dir-se-ia que se basta a si próprio.

À frente dele, o Max e o Alex estão a organizar o jogo do recreio. São os líderes da equipa de futebol, portanto, os rapazes mais populares da escola. Uma ideia disparatada já passou pela cabeça do Anatol: teria ele sido um rapaz popular se tivesse um «X» no nome? Se se chamasse Anaxol, teria isso mudado a sua vida? Teria marcado golos?

Como que para propor um início de resposta, o Alex chama-o:

— Ei, Anatol, estás connosco? Precisamos de reforços na defesa! Trazes o teu rabo para aqui?

Enquanto o chama, o Alex lança um olhar insistente na minha direção. Sim, na minha direção, eu, a Julieta. (Estou a contar-vos a história há um bocado, espero que não se tenham esquecido de mim!)

Seja como for, o Alex não se esquece de mim; não sei porquê, mas meteu na cabeça que tinha de se armar em esperto à minha frente desde o início do ano. Sempre que faz uma piada, lança-me um olhar para ver se me faz rir.

Não respondo à sua piscadela cúmplice porque vejo bem que ele está a tramar alguma coisa em relação ao Anatol... Convidá-lo para se juntar ao jogo deles não pode ter boas intenções. Com um simples aceno de cabeça, o Anatol declina sabiamente o convite.

— Anda lá, Mãos-Moles, não sejas chato... Só tens de bloquear os jogadores que vêm na tua direção!

O Anatol não reage às alcunhas parvas do Alex. Está habituado. Infelizmente, é preciso mais do que isso para desencorajar o Alex quando ele tem uma (má) ideia na cabeça.

— Preferes ficar à baliza? O Yanis dá-te o lugar, se quiseres! Com esses braços de orangotango, deve ser canja.

Oh, que bruto! É verdade que o Anatol tem os braços um bocado compridos... parece que os membros do corpo dele não conseguiram pôr-se de acordo quanto ao ritmo de crescimento. E depois? *Grande coisa!*, diria a minha avó! Todos temos as nossas particularidades. O Alex nem é feio, mas tem um nariz que cresce mais depressa que tudo o resto! Desde o 5.º ano que é tão... saliente. Será que temos mesmo de lho fazer notar? O Melvin está cheio de borbulhas, a Ema tem orelhas de abano, a Lili cresceu tão depressa que está forte como um alho-porro, e a mim, desde o ano passado, enfiaram-me estes malditos óculos no nariz! Somos adolescentes em construção, olhem... Todos no mesmo barco, *work in progress!* Grrrr, como é que este Alex me consegue irritar tanto?!

O Yanis defende o Anatol:

— Deixa-o em paz, se ele não quer.

— Mas ele quer! Anatol, não me digas que queres que te imploremos?

Suspirando, o Anatol pousa a BD e arrasta a sua silhueta para o campo de futebol. Todos os outros jogadores olham para ele com um sorrisinho nos lábios.

É preciso dizer que ver o Anatol a mover-se é sempre um momento fixe. Um momento que recomendo a todos, especialmente se estiverem deprimidos; um verdadeiro momento de saúde pública. A maioria das pessoas que andam são... pessoas que andam. Mas o Anatol é diferente. Como dizer? Mesmo com as mãos nos bolsos, quando se desloca, o Anatol arrasta muita coisa.



O **Anatol** é um aluno distraído que parece estar sempre «noutro lugar», não tem amigos e costuma estar sozinho nas aulas. Mas, naquele dia, está sentada ao seu lado uma rapariga com um ar original. Uma rapariga nova?

Pouco a pouco, ele descobre que a sua nova amiga é um fantasma chamado Filomena, que assombra a escola desde 1870 e que precisa da sua ajuda para evitar uma catástrofe. O Anatol tem de encontrar uma forma de evacuar a escola. Ninguém vai acreditar nele! Exceto a Julieta, a narradora desta história.

Um livro original e comovente sobre a importância da amizade (além da amizade convencional) e a forma como memórias esquecidas podem moldar

**as nossas vidas de  
maneiras inesperadas.**



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

Literatura Juvenil

 penguinlivros.pt

  penguinkidspt

ISBN: 978-989-583-971-1



9 789895 639711